

Perdendo o trem, o metrô e o ônibus da história

A história do Brasil é um verdadeiro inventário de oportunidades perdidas. Nosso potencial colossal parece constantemente ser sabotado por escolhas mal feitas, líderes medíocres e um conformismo crônico. Para parafrasear analistas de geopolítica: o Brasil não perdeu apenas o “trem-bala da história”; perdemos o trem comum, o metrô, e, mesmo correndo atrás do ônibus, esquecemos o dinheiro para o Uber.

Grande parte dessa trajetória frustrada se deve ao papel nefasto desempenhado pela nossa elite intelectual. Em vez de funcionar como um guia, um farol que orienta a nação em momentos decisivos, a intelectualidade brasileira frequentemente se transforma em um peso morto. Presa a clichês, teorias importadas e soluções pré-fabricadas, é incapaz de diagnosticar a complexidade do cenário nacional e global, muito menos de elaborar um projeto de desenvolvimento à altura das possibilidades do Brasil.

Enquanto o mundo passa por mudanças rápidas e intensas – com os Estados Unidos rejeitando o Acordo de Paris, a União Europeia enfrentando fragmentações internas, e a Rússia abrindo novos corredores econômicos no Leste Asiático –, o Brasil permanece preso a discursos vazios sobre transição energética e cooperação multilateral. Essa retórica já obsoleta será cobrada com juros pesados no futuro próximo, especialmente quando eventos como as cúpulas do G20 perderem relevância e a diplomacia de fachada mostrar-se impotente diante da realidade.

Nos Estados Unidos, Donald Trump se posiciona de maneira pragmática: promete proteger a prosperidade de seu país por meio de tarifas sobre importações e estímulos à produção doméstica. Ele compreendeu que organizações multilaterais como a ONU e fóruns trilaterais não garantem mais o sustento de uma nação; a base do poder nacional reside em um povo produtivo e em alianças estratégicas fundamentadas no interesse mútuo.

No Brasil, o cenário é inverso. A figura do cidadão ideal, aos olhos do atual presidente, não é o trabalhador produtivo, mas o beneficiário dependente de auxílios estatais. Lula, com habilidade quase mafiosa, consolidou sua imagem como o “pai” das transferências de renda, criando uma relação de dependência entre governo e beneficiários. No início, prometeu empregos, mas logo trocou esse discurso pela manutenção de programas assistencialistas, perpetuando a condição de dependência e destruindo qualquer senso de autonomia do cidadão.

- O Brasil perdeu várias oportunidades de se desenvolver e transformar-se em uma potência.
- O mundo vive um novo momento, onde não existirá uma liderança mundial clara como durante a globalização e o Brasil não está preparado para esse movimento.
- O Brasil precisa reagir diante das políticas de empobrecimento e desmoralização do país.



Quem sai da miséria e ingressa no mercado de trabalho tende a reconhecer, em algum momento, que seu destino está nas suas próprias mãos, não em favores governamentais. Por outro lado, quem depende de auxílios renovados todo mês torna-se um eterno submisso ao "painho" de plantão – o cidadão ideal para o modelo globalista do WEF, completamente amarrado ao paternalismo estatal.

A carreira política baseada no assistencialismo é, de fato, uma forma de corrupção moral em larga escala. Esse modelo contribui para o aumento da criminalidade, do consumo de drogas e da depressão, ao mesmo tempo que destrói a autonomia individual e social. Enquanto Trump inclui narcotraficantes na lista de organizações terroristas, o Brasil perde territórios para facções criminosas, assistindo impotente à consolidação de um poder paralelo.

Trump está preparando os Estados Unidos para resistir às grandes mudanças que se avizinham, tal como fizeram os responsáveis pela expansão territorial e econômica da nação no passado que compraram a Louisiana e o Oregon. E nós? Seguiremos aceitando a lumpemproletarização de nosso povo e assistindo à destruição do potencial brasileiro?

Essa é a pergunta que ecoa em nossas ruas e mentes. O tempo da história não espera. E o Brasil, sempre atrasado, precisa decidir se quer continuar assistindo ao desenrolar do mundo da janela, ou finalmente embarcar em seu próprio trem rumo ao futuro.

